



**QUINTO DOMINGO DA QUARESMA
28/03/2003**

1ª leitura (Antigo Testamento) - Isaías 43:16-21

O texto deste domingo pertence à segunda parte do livro do profeta Isaías chamado "dêutero-Isaías" ou "Segundo Isaías". Esta parte do livro foi redigida no final do exílio babilônico quando já despontava no horizonte a ascensão do Império Persa que varreria o poder babilônico da face da terra. O imperador Ciro, chamado de messias em Is 45:1 mesmo não sendo monoteísta, era conhecido pela sua política de aliança com os sacerdotes locais que se dispusessem a apoiar seu domínio. Assim ele apoiou os sacerdotes de Marduque na Babilônia e os de Javé em Jerusalém. No entanto os exilados viam neste novo imperador persa a mão de Deus vingando seu povo pelas humilhações que lhe foram impostas por seus opressores (destruição do Templo e Exílio das elites), isso é o que esta comunidade queria dizer ao lhe chamar "messias", o mesmo título dado a Jesus. A diferença é que enquanto Ciro era "um" messias, Jesus seria "O Messias".

Mesmo que Deus seja apresentado como criador (uma teologia típica do pós-exílio fruto do contanto da fé judaica com a religião babilônica) em 43:15 o seu caráter é revelado pelos atos libertadores do Egito como se afirma em 43:16: "*Assim diz o SENHOR, o que outrora preparou um caminho no mar e nas águas impetuosas*" (Almeida). A memória do Êxodo tem a capacidade de invocar a presença libertadora de Deus, mas não é suficiente para esta comunidade. Que está faltando? Falta saber para quem se libertar! No Egito a libertação conduzia para uma nova sociedade (dez mandamentos) na terra onde podia se produzir leite e mel. Agora há uma nova libertação que, mesmo tendo a antiga tradição libertadora como base, é nova! Nesta nova libertação não é suficiente uma terra para um povo, pois já a tiveram e a perderam. Agora a utopia divina ia além e incluía um mundo novo, a renovação de todas as coisas, uma nova criação para um novo povo! (cf. 43:19a e 21). A nova criação transformaria o deserto num lugar transitável, as feras ameaçadoras em irmãos que louvam a Deus, o lugar ermo em fonte de vida e o povo sedento em povo saciado (cf. 43:19b-20).

O que faz o povo reconhecer um messias ou "O Messias" é a promoção da libertação e da transformação que conduz da morte para vida. Não é assim que Jesus se apresentou a nós como Messias? Não é Jesus que libertará a vinha dos que injustamente se apossaram dela? (Lc 20: 15-20). Não é Cristo de quem procede a justiça divina? (Fl 3:8-9). Devemos ter medo então da



ação de Deus? Se estivermos do lado de quem oprime, de quem exclui, de quem promove sofrimento e morte o medo é justificável, mas se compartilhamos, por situação de vida ou por atitude solidária, das preocupações de pessoas excluídas, empobrecidas e discriminadas poderemos participar também das utopias divinas dirigidas a elas. (HMG).

2ª leitura (Epístola) – Filipenses 3.8-14

Há muitos anos atrás, li em um jornal denominacional, um pedido de emprego. Era um texto pretensamente escrito por um homem que procurava uma igreja para pastorear. Neste texto ele apresentava um pouco de sua história. E destacava dela, o fato de ter sido o responsável pela criação de inúmeras comunidades, de ter escrito vários livros, mas também de ter sido preso algumas vezes, de ter sido torturado, confundido com os ladrões e com aqueles que subvertem a ordem instituída. Ele já tinha sido chicoteado, dado como morto e já teve até que fugir, pulando os muros da cidade, para não morrer. Ele fala de seus problemas de saúde e de seu zelo para com o ministério que, certa vez, implicou até em seu afastamento de um grande amigo. No final ele diz seu nome: Paulo de Tarso. Será que este homem encontraria alguma igreja para pastorear hoje?

No texto que tratamos hoje, Paulo está dando continuidade a sua argumentação, combatendo os maus obreiros (3:2). Como parte de sua argumentação, o apóstolo Paulo apresenta sua própria experiência de conversão e sua vida como modelo com o qual se pode julgar os maus ministros. De fato, não se pode negar que o zelo missionário de Paulo e sua dedicação ao ministério eram exemplares. E é pensando nisso que propomos como tema de nossa reflexão hoje a seguinte proposição: O modelo de um ministério fiel.

Paulo, enquanto modelo de ministro fiel, nos mostra, pelo menos três grandes virtudes.

Em primeiro lugar, ele é um modelo de ministro fiel, porque está disposto a perder tudo. De acordo com os versos 8 e 13, Paulo considera tudo como perda, ou como refugio, estando, também disposto a esquecer todas as coisas e deixar para trás a sua história. Mas o que ele considera refugio? Sua linhagem, o fato de ser da descendência de Benjamim, hebreu de hebreu, fariseu e irrepreensível quanto à lei (v. 5-6). O que ele quer dizer é que está disposto a considerar todas as vantagens que tem, toda a herança espiritual que recebeu, e toda a riqueza da tradição na qual foi criado, como refugio, ou seja, como lixo, se isto, de alguma forma, o impede de chegar até Cristo. Por amor de Cristo ele está disposto a perder tudo (v. 8) por mais importante que seja. Devemos ver que ele nada tem contra a tradição em si. Mas se ela, de



alguma forma, serve de impedimento para que se aproxime de seu Senhor, ela deve ser abandonada e tratada como lixo, para que Cristo seja o alvo de sua vida.

Em segundo lugar, ele é um modelo de ministro fiel, porque não busca justiça própria (v. 9) Apesar de ser da uma família tradicional da religião, e apesar de possuir toda uma herança espiritual, Paulo não tinha uma "justiça própria". Ou seja, ele quer ensinar que a salvação não era o resultado do seu esforço em bem cumprir as normas que desde criança ouvia. Ele afirma que sua condição de "justo" diante de Deus em nada depende do seu esforço pessoal ou de sua herança religiosa. Sua condição dependia apenas da "justiça que procede de Deus", vem do alto, graciosamente, baseada na fé em Cristo. O que nos faz um ministro aprovado não é o acúmulo de nossas obras e de nossas realizações, mas nossa aprovação que vem de Deus. É o Senhor da seara quem dirá: "bem estar, servo bem e fiel... entra no gozo de teu Senhor". Mas do que a aprovação dos homens, urge buscar a aprovação de Deus. Devemos, para tento, andar de fé em fé".

Em terceiro lugar, ele é um modelo de ministro fiel, porque seu alvo é sublime. Infelizmente vivemos em um instante histórico em que as pessoas buscam o ministério pelas mais diferentes razões. Alguns porque querem exercer algum tipo de domínio e se sentir fortes; alguns porque não conseguem outras profissões; alguns porque acham poder encontrar aqui o reconhecimento e o *status* que não receberiam em outro lugar. Seja como for, para o apóstolo Paulo, sua motivação era outra. O que ele queria era, de fato, conhecer a Cristo (v. 8-10a) e o poder de sua ressurreição (v. 10-11) Conhecer a glória de Cristo, da mesma forma que, com Cristo, ele conheceu o sofrimento. E conhecer a Cristo glorioso, é compreendido como o "premio da soberana vocação" (v. 14), ou seja, a retribuição por ter atendido o chamado soberano de Deus. Nada mais na vida vale a pena ou é tão importante, quando fixamos nossos olhos na glória celestial.

O que pensamos do ministério? Ele é uma forma de dominação ou de serviço? Ele deve ser buscado e honrado porque é uma obra digna e porque nele nós participamos da mesma obra missionária que foi iniciada por Cristo e pelos apóstolos. Por isso, nosso modelo de serviço deve ser baseado em figuras que marcaram a história, Paulo, é uma destas figuras. Ele é uma destas "nuvens de testemunhas" dos quais devemos guardar o exemplo.

Hoje, no dia da Juventude anglicana, queira Deus ser servido por meio da dedicação de moços e moças ao árduo, mas maravilhoso trabalho de espalhar a Boa notícia.

Santo Evangelho – Lucas 20.9-19



Esta narrativa também faz parte do quadro sinótico, porém em Lucas alcança uma redação mais elaborada e assume uma dimensão mais vívida afunilando o conflito entre Jesus e os sacerdotes. Como sabemos, na analogia teológica vetero-testamentária a vinha é o povo de Israel (Is 5,1 e Jr 12,10) de quem Deus é o proprietário e os arrendatários são os chefes espirituais. Esta parábola resume a relação entre Deus e o Seu povo através da conturbada mediação sacerdotal e/ou política (exercidas pelos reis de Israel) não escondendo a necessidade de, vez por outra, aparecer algum profeta ou profetiza para colocar “os pingos nos ís” (ex: Natan, Débora, Elias, Isaías, Amós, João Batista, etc).

Ávidos e sedentos pela dominação do povo através da concentração do poder religioso “os arrendatários do templo” ao invés de cumprirem plenamente com as suas funções sacerdotais (para as quais foram eleitos pelo povo e consagrados por Deus) montam leis políticas (shabat), organizam estruturas econômicas (dízimo) e elaboram intrincados rituais religiosos (sacrifícios) que os tornam detentores absolutos da mediação com a Divindade.

Entretanto, ao invés deste “serviço religioso” aprofundar o relacionamento e manifestar a “presença real” de Deus entre o Seu povo ao provocar a prática da justiça (“amar a Deus”) e da solidariedade (“amar o próximo como a si mesmo”), faz com que os sacerdotes locupletem-se com o poder e “se sirvam do serviço” que deveria ser um sacramento (sinal) da verdadeira missão sacerdotal (v 19). São Mateus é mais explícito ao finalizar esta mesma parábola vociferando direta e veementemente contra a casta sacerdotal (Mt 21,43-46).

Por outro lado, não é só a pessoa do sacerdote ou da sacerdotisa que estão em foco, mas todo o “povo sacerdotal” (I Pe 2,9) que, pelo batismo na “água e no sangue de Jesus”, tornaram-se co-responsáveis pela implantação do Reino de Deus mediante a transformação dos reinos deste mundo. Afinal, o próprio exemplo de Jesus não nos deixa dúvidas de que “Ele mesmo não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida para salvar muita gente” (Mt 20,28). Por isso a *missio Dei*, quando na mão de alguns pseudo-sacerdotes ou cristãos hipócritas, torna-se refém de certas estruturas para-eclesiásticas e deixa de ser profética e diaconal para ser conivente, vassala, serviçal e funcional.

A pedra angular (vs. 17-18): esta pedra podia estar localizada na “quina da construção” (pé direito) ou no “centro da casa” (na qual apoiava-se toda a estrutura). Jesus usa esta expressão clássica (Sl 118,22) aproveitando-se da duplicidade de sua composição e da riqueza de seu significado:



- pedra: no sentido de rocha (massa compacta de pedra muito dura) cuja resistência permite seu uso para servir de base e/ou suporte para uma construção a partir dela;

- angular: no sentido de "localização estratégica" ou de "vértice" (no centro de uma circunferência) a partir de cujo ângulo sustenta-se toda a arquitetura.

Portanto, esta "pedra angular" (que é o Cristo de Deus) é quem dá sustentação e credibilidade ao "projeto de manifestação do Reino de Deus", pois, não é ninguém menos que o Seu próprio Filho Amado quem assina a planta e preside o "ato inaugural" (como nas cerimônias de "pedra fundamental"). No entanto, a construção será (e está) sendo orientada e dirigida pelo Espírito Santo e, aos poucos, vai tomando forma nesta vasta obra da Criação (onde a Igreja também é e deverá continuar sendo um dos sinais mais proeminentes do Reino).

A pedra do julgamento (v. 18): este verso não é encontrado em Marcos; em Mateus é outro enxerto conclusivo (Mt 21,44); não é uma citação literal da Escritura e existem ex-pressões semelhantes em textos rabínicos e extra-bíblicos. Entretanto, Lucas é o único a apresentar Jesus com a "função de pedra". Entre outras frases lapidares de Jesus "relendo e dando o verdadeiro sentido" do Primeiro Testamento, esta citação lucana pode referir-se à "pedra angular" de Isaías 28,16, ou à "pedra de tropeço" de Isaías 8,14-15 ou ainda à "pedra messiânica" de Daniel 2,34-35; 44-45. Contudo, independentemente de sua origem, São Lucas enxerta esta expressão no contexto de sua narrativa fazendo com ela uma perfeita analogia e completa referência ao Reino de Deus como sendo uma pedra que estilhaça todos os reinos da terra e igualmente esmigalha todos os seus oponentes, ou seja, contra esta pedra não há força nem poder capaz de obstruir seu caminho ou de destruí-la, pois "ela é o próprio Deus".

Desafio quaresmal: analisando a vida pessoal, familiar, eclesial e/ou social procurar perceber e propor-se a provocar mudança de gestos, convenções, costumes, leis e/ou posturas que dificultam, paralisam ou até anulam os verdadeiros sinais do Reino. Ou seja, que as estruturas sociais, econômicas, políticas, culturais e inclusive religiosas sejam um sinal da diaconia eclesial em favor da manifestação do Reino de Justiça, de Paz e de Amor para todas as pessoas, pois "o Filho do Homem também é Senhor do sábado" (Lc 6,5).